

O Sabbath das Feiticeiras: Possíveis Rachaduras de Gênero e Sexualidade em Alucarda (1977)¹

David AMORIM²

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.

RESUMO

Este ensaio tem como objetivo analisar o filme *Alucarda, A Filha das Trevas* (1977) de Juan López Moctezuma a partir das teorias de gênero e sexualidade. Nos interessa entender aqui como as duas personagens são apresentadas e (re)construídas durante as cenas, onde percebe-se algumas oscilações do que possa ser considerado como algo feminino ou masculino e em como o feminino aqui está ligado diretamente a uma monstruosidade iminente, então o horror feminino passa a ser também um dos pontos abordados durante a análise por ganhar esse caráter fluído.

PALAVRAS-CHAVE: cinema mexicano; gênero, feminismo satânico, horror feminino.

INTRODUÇÃO

Alucarda, A Filha das Trevas é um filme de horror mexicano, lançado em 1977 sob direção de Juan López Moctezuma, sendo considerado por muitos críticos como um clássico do gênero horror do país. A história se passa no ano de 1865, tendo o enredo baseado na amizade/romance entre *Alucarda* (Tina Romero) e *Justine* (Susana Kamini) dentro do convento.

Então inicialmente o filme toma como base uma tentativa de enredo *nunsplotation*, subgênero que na época na década de 70 em que girava em torno de freiras vivendo nos conventos durante a idade média. Logo, o filme toma esse ponto inicial, porém o diretor usa dessa perspectiva para criar uma atmosfera atrativa de forma a levantar outras questões durante o restante do filme, como o vampirismo (tendo o nome da protagonista inicial sendo uma referência ao *Drácula* e também o romance vampiresco de mesmo nome) e as relações entre mulheres.

1 Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

2 Mestrando do Curso de Imagem e Som (PPGIS) da UFSCar. E-mail: david.amorim@estudante.ufscar.br

Para tanto, o presente resumo toma como objetivo um estudo acerca do filme *Alucarda*, como foco na sexualidade e o horror feminino dentro do cinema mexicano, além disso o tema se justifica na falta de reflexão sobre o horror mexicano no Brasil. A presente pesquisa tem caráter bibliográfico e de análise fílmica, onde foram buscados referências acerca dos temas já citados e feito o estudo a partir das cenas.

E O VERBO SE FEZ CARNE E HABITOU ENTRE NÓS

Na cena inicial de *Alucarda* somos apresentados a um local abandonado cheio de estátuas de criaturas desconhecidas, em seu centro uma mulher dando a luz, logo o som não diegético é trocado pelos gritos agudos de uma criança, que posteriormente sabemos que é a protagonista do filme.

É interessante ver aqui em como o autor mais uma vez brinca com as referências dentro do filme, pois tem-se nesse primeiro momento uma alusão ao nascimento de Jesus, portanto, de um lado o nascimento do bebê que salvaria o mundo ao redor de animais, do outro lado, o nascimento de um bebê que poderia ser o fim do mundo rodeado por sons animais que ficam desconhecidos por todo o tempo.

Em seguida, já somos apresentados a Justine e sua chegada ao convento, nesse meio tempo *Alucarda* permanece oculta na narrativa, aparecendo apenas quando a primeira já está instalada no quarto. Ambas formam um vínculo quase que imediato, coisa que não é bem vista dentro do ambiente ao qual estão inseridas, pois de cara é percebido ali que elas deveriam manter um tipo de papel para com a instituição religiosa, onde o relacionamento entre duas mulheres seria condenável, pois como afirma Toledo e Filho:

A heteronormatividade diz respeito ao sistema de organização da sociedade que pressupõe a heterossexualidade como norma e normativa diante de outras formas de vivência das sexualidades. Deste modo, as normas definidoras da sexualidade “normal” requerem o casal formado por um homem e uma mulher, afetivo-sexualmente complementares (TOLEDO; FILHO, 2010, p. 730)

E essa questão da norma de gênero é muito presente na maioria das cenas do convento, desde as orações em grupo feminino, até o extremo que é a cena de exorcismo das duas protagonistas, exorcismo esse que ganha facilmente outros significados que vão muito além da expulsão de uma entidade maligna do corpo.

SEXUALIDADE MONSTRUOSA

A partir do que já foi falado, principalmente no que toca a questão de um controle da sexualidade por parte da igreja, partimos da ideia do feminino monstruoso dentro da obra. Para entender como esta categoria se faz presente dentro do filme é necessário antes entender o que possa vir a ser chamado de monstruoso.

Monstro no dicionário é um ser disforme, fantástico e ameaçador, que pode ter várias formas corporais e vai de contrário a natureza, é uma anomalia. Então aqui temos essas duas personagens inicialmente como inseridas num campo do estranho, onde algum tipo de anomalia (suas sexualidades) se faz presente em seus corpos.

Como boa parte da teoria feminista nos explica, as mulheres são construídas/inseridas na ordem simbólica da linguagem como esse Outro que designa a falta, a diferença/ausência que suporta a estrutura lógica de poder do patriarcado. Outro por excelência, a mulher é usualmente relegada ao reino do desconhecido, o domínio da abjeção (SOUZA, 2015, p. 5)

Portanto, aqui ambas as personagens estão inseridas também na questão do corpo abjeto, onde estes não podem circular livremente dentro do ambiente temporal ali inscrito. Porém é curioso perceber em como este corpo que é diretamente negado de liberdade e de outra série de questões, é também altamente fetichizado. Mulvey (1975) entende essa relação do corpo feminino fetichizado como um tipo de obsessão do masculino; a autora tece sua crítica a partir dos estudos psicanalíticos para entender como esses marcos são posicionados dentro do cinema.

DO EXORCISMO AS QUESTÕES FINAIS

Próximo da cena final somos apresentados ao ápice do filme. Mulheres chicoteadas, um padre sem camisa também repleto de marcas pelo corpo. Enquanto o flagelo vai sendo aplicado o homem grita a todo momento, falando que a alma de Alucarda foi roubada e que o próprio demônio fala por ela.

A simples palavra diabo parece ter um efeito aterrorizante para todas as freiras, o desespero é palpável entre as duas protagonistas; quando o exorcismo é consumado vemos a morte de uma e desespero da outra. A partir disso nos parece interessante repensar as questões em volta do exorcismo e em como Justine chegou a esse ponto. Se por um lado Moctezuma tinha como objetivo chocar o espectador em relação a morte e exorcismo, ele consegue, e é interessante ver/comparar este ritual como uma expulsão

da sexualidade das garotas, pois qualquer coisa que não esteja inserida no que a igreja prega é anormal, demoníaca, portanto precisa se expulsa do corpo.

E por exorcismo da sexualidade entendemos como uma forma de manter um certo padrão natural e social, que foi quebrado pelas garotas no momento em que selaram suas almas no pacto de sangue, e que apenas um exorcismo as livraria disso.

A categoria de sexo estabelece a naturalidade das relações sociais e, por sua parte, fabrica um determinado tipo de mulher. Esta mulher fabricada, por exemplo, tem que exercer a função da reprodução que é, meramente, reproduzir o sistema de exploração social. De qualquer forma, mesmo as lésbicas tenham uma posição privilegiada na categorização do sexo, elas não estariam totalmente fora de uma dominância do pensamento heterossexual, já que outra característica deste pensamento é que ele se funda na necessidade do outro (LEOPOLDO, 2020, p. 131-312)

Mais uma vez chega-se na categoria do “outro”, nesse caso como um diferente que subverte as normas de gênero e por isso deve ser punido, castigado e domesticado. Talvez aqui tentarmos entender as personagens como não pertencentes a algum tipo de categoria seja mais proveitoso, na perspectiva de poder enxergar novas possibilidades de entendimento e reflexão sobre esse outro, pois o mero fato de as colocar em papéis definidos de gênero só reforça o que Rubin vai chamar de heterossexualidade obrigatória (Leopoldo, 2020).

Por fim, somos apresentados a Justine nascendo como vampira no mesmo local de nascimento de Alucarda, esta segunda ainda no convento enfurecida e queimando tudo e todos ao proferir nomes de entidades demoníacas, o que nos parece quase como uma histeria feminina.

Aqui é complicado chegar a alguma conclusão, visto que o presente estudo não foi aprofundado o suficiente, mas nos parece de início apresentar alguns pontos que desde o início apareceram de forma muito clara. Tendo como o principal a igreja como impulsionadora de uma série de papéis sociais definidos, além disso, é muito claro também como esta usa das relações de poder para dominar e amedrontar as personagens em muitos momentos do filme.

Acerca do exorcismo, como já foi dito, talvez possa ganhar novos significados; propondo aqui pensar ele como uma nova configuração de possibilidade de reprimir ou excluir totalmente a sexualidade das personagens, talvez aqui não apenas para acabar com suas orientações, mas para controlar seus corpos femininos, e isso se justifica na

obra no momento em que ela retrata um período histórico mais antigo em que o masculino tinha total poder sobre o feminino.

Por fim, tomamos Alucarda como base para uma possibilidade de estudo e crítica de uma heterossexualidade compulsória, onde o acesso de raiva das personagens nos minutos finais nos parece muito como uma forma de insatisfação e inconformidade com aquilo que se tentou a todo momento se apresentar e impor como natural.

REFERÊNCIAS

LEOPOLDO, Rafael. **Cartografia do pensamento queer**. Salvador/BA. Editora Devires, 2020.

MULVEY, Laura. Visual pleasure and narrative cinema. In. **Film theory and criticism: introductory readings**. New York: Oxford, 1999, p. 833-844.

SOUZA, Mariana Ramos Vieira. **O fascínio do desvio – horror moderno e suas mulheres monstruosas**. In. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015.

TOLEDO, Livia Gonçalves; FILHO, Fernando da Silva. **Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade**. In. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, ano 10, n. 3, p. 729-749, 2010.